

NARRATIVAS BIOGRÁFICAS NO JORNALISMO LITERÁRIO: Perfil e Biografia

Vando Maciel¹

Andrea Teresa Martins Lobato²

Resumo

Este estudo tem como objetivo identificar elementos estruturais e composicionais da narrativa biográfica jornalística, tendo como referência dois tipos textuais: biografia e perfil. O estudo é qualitativo, baseado em revisão de literatura, apoiado em autores como Eduardo Belo, Catalão Júnior, Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena e Sergio Vilas-Boas. Para exemplificar as características da narrativa biográfica jornalística, foram utilizadas duas obras: "Frank Sinatra está resfriado", de Gay Talese (2004), e "Olga", de Fernando Morais (2008). Constatou-se que a narrativa biográfica jornalística é um gênero híbrido, que busca humanizar pessoas, cujas vidas são excepcionais. Apresenta uma linguagem simplificada, predominantemente formada por orações curtas, na voz ativa, organizadas cronologicamente, com um limitado emprego de adjetivos, jargões e termos técnicos e estrangeirismos.

Palavras-chave: Jornalismo literário; narrativa biográfica jornalística; livro-reportagem-perfil; livro-reportagem-biografia; reportagem biográfica.

BIOGRAPHICAL NARRATIVES IN LITERARY JOURNALISM: Profile and Biography

¹Jornalista, graduado em Jornalismo pela Universidade CEUMA e mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Possui experiência profissional na área de jornalismo e produção audiovisual, com atuação em edição e produção de conteúdos para televisão e meios digitais. Seus interesses de pesquisa concentram-se na área de Comunicação.

E-mail: vandomaciellbr@gmail.com

ORCID: 0009-0002-1361-520X

² Professora associada da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e docente da Universidade CEUMA. Doutora e mestre em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atualmente realiza estágio pós-doutoral em Direito e Instituições do Sistema de Justiça pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atua nas áreas de Letras e Comunicação Social, com pesquisas voltadas à teoria literária, crítica, escrita, linguagem e subjetividade.

E-mail: andrealobato@professor.uema.br

ORCID: 0000-0001-9066-2064

Abstract

This study aims to identify structural and compositional elements of journalistic biographical narrative, with reference to two textual types: biography and profile. It is a qualitative study, based on literature review, supported by authors such as Eduardo Belo, Catalão Júnior, Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena and Sergio Vilas-Boas. To illustrate the characteristics of journalistic biographical narrative, two works were used: "Frank Sinatra Has a Cold" by Gay Talese (2004) and "Olga" by Fernando Morais (2008). It was found that journalistic biographical narrative is a hybrid genre that seeks to humanize people whose lives are exceptional. It presents a simplified language, predominantly formed by short sentences in the active voice, organized chronologically, with a limited use of adjectives, jargon, technical terms and foreign words.

Keywords: Literary journalism; journalistic biographical narrative; book-report-profile; book-report-biography; biographical reporting.

1 Introdução

A produção de livros-reportagem no Brasil contemporâneo se concentra em narrativas biográficas. O gênero está ligado ao desejo do público em conhecer a vida de pessoas públicas, consideradas vencedoras, ou que alcançaram notoriedade seja de maneira positiva ou negativa (BELO, 2006).

A partir dessas narrativas esses personagens se tornam mais próximos e íntimos do público. Os principais gêneros biográficos jornalísticos são a biografia e o perfil. Esses tipos textuais buscam narrar as circunstâncias de vida de um personagem, em um determinado contexto. Tem como objetivo humanizar grandes personalidades, pessoas cujas trajetórias de vida são excepcionais.

Atualmente, as produções literárias jornalísticas no Brasil concentram-se predominantemente em biografias. Segundo Belo (2006, p. 61), "É o subgênero mais popular, até pelo desejo natural que o ser humano tem de conhecer a vida das pessoas públicas [...]". Apesar do crescente número de livros-reportagem biográficos no Brasil, esta área ainda é pouco explorada pelos pesquisadores.

A escassez de produções científicas se torna mais evidente quanto à teorização do gênero perfil. "Ademais, e no contexto da produção científica brasileira, revela-se a carência de uma teorização sólida do perfil como uma modalidade textual presente no campo jornalístico" (BRAZ; SARDINHA, 2018, p.72-73). A escassez, por outro lado, evidencia a necessidade de produções científicas detalhadas e aprofundadas sobre a temática.

Considerando a narrativa biográfica uma das mais importantes e populares do jornalismo literário, a presente pesquisa consistiu em analisar as nuances, assim como identificar as características intrínsecas a narrativa biográfica jornalísticas na construção de sentido, tendo como referência os tipos textuais perfil e biografia. Dentre os aspectos abordados de maneira mais extensa no corpus deste trabalho, destacam-se: a convergência entre jornalismo e literatura, a sequência narrativa e a caracterização do perfil e biografia como gêneros biográficos.

Como objeto empírico de análise, foram selecionadas duas obras representativas desses gêneros: "Frank Sinatra está resfriado" (2004), de Gay Talese, exemplar do perfil jornalístico, e "Olga" (2008), de Fernando Morais, exemplar da biografia jornalística. A escolha se justifica pela relevância e representatividade dessas obras dentro do jornalismo literário, que servem de corpus para identificar e exemplificar os elementos estruturais e composicionais da narrativa biográfica jornalística.

1.0 JORNALISMO E LITERATURA

O jornalismo e a literatura diferenciam-se quanto ao propósito do uso da palavra. Enquanto o jornalismo emprega a palavra como meio de comunicação para a divulgação de informações, a literatura a utiliza como forma de expressão artística. Conforme afirma Jobim (1992, p. 32), "Para o escritor, a língua não é um simples meio de comunicação com o público contemporâneo, mas um meio de expressão artística, válido para a posteridade".

De acordo com Pereira (2007), a preocupação do jornalismo é informativa, enquanto a da literatura, é estética. O jornalismo destina-se representar, através da palavra, uma determinada realidade. Uma obra literária, mesmo quando representa a realidade, não tem esse fim como objetivo final.

Entre as barreiras tênues do jornalismo e da literatura, surgiu o jornalismo literário. Trata-se de um gênero híbrido que utiliza a palavra com finalidades tanto estéticas quanto informativas. Segundo Pena (2006, p. 54), "O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações".

Tom Wolfe (2005) destacou alguns recursos da literatura adotados no jornalismo literário, como a *são a narração cena a cena*, o registro completo de diálogos

e apresentação de diferentes pontos de vista e o registro de símbolos do cotidiano, isto é, descrever como espaços, hábitos, época, traços físicos e gestos do personagem, a fim de situar melhor o leitor e para que este possa captar impressões do personagem. Segundo Lima (1993), esses recursos foram adotados do realismo literário, inspirados em obras de escritores como Balzac e Dickens.

Entretanto, convém lembrar, que o jornalismo literário não descarta as técnicas do jornalismo convencional, pelo contrário, desenvolveu-as se valendo de técnicas da literatura. Continua sendo importante a coesão, a precisão, a exatidão e a linguagem acessível ao leitor médio. Além disso, “[...] a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas.” (PENA, 2006, p.13-14).

No jornalismo do cotidiano, o jornalista está condicionado aos manuais de redação, lead, pirâmide invertida, deadline, manuais de redação e linha editorial do veículo de comunicação. O jornalismo literário busca superar esses limites e promover a permanência e perenidade da obra ao proporcionar uma visão ampla e aprofundada do relato ao leitor.

Nas redações, os jornalistas enfrentam pressão de prazos apertados, o que, segundo Pena (2006), muitas vezes resulta em textos superficiais, carentes de criatividade e estética literária. O uso repetitivo do lead também contribui para um trabalho mecânico e superficial, produzindo obras efêmeras que logo caem no esquecimento.

Na imprensa diária, o jornalista está condicionado às hierarquias e limites impostos pelas empresas de comunicação, segundo Catalão Júnior (2010), publicar um texto ou não, é uma decisão que incumbe ao editor, secretário ou diretor de redação, ou ainda ao próprio dono da revista ou jornal. O livro concede maior liberdade, visto que o jornalista domina todo processo de produção do livro.

Além disso, dentro do ambiente corporativo, os jornalistas estão submetidos à linha editorial e aos manuais de redação. “Assim, o processo de profissionalização acontece na mesma proporção em que se acentua a correspondente tendência à padronização textual e à frustração de eventuais pretensões autorais do repórter.” (CATALÃO JÚNIOR, 2010, p. 159)

Os manuais de redação restringem os jornalistas a padrões redacionais. Ademais, os jornalistas não possuem independência dentro dos espaços corporativos,

estão sujeitos a deveres funcionais e interesses econômicos, políticos próprios da empresa. (CATALÃO JÚNIOR, 2010, p. 69).

2.o NARRATIVAS DE VIDA NO JORNALISMO LITERÁRIO

A narrativa biográfica jornalística consiste em uma sucessão de acontecimentos reais, organizados em determinado espaço e tempo, que formam um conjunto coeso de signos com significado. Seu objetivo é expor a relação entre o personagem e o mundo, frequentemente marcada por conflitos, resultam em fatos narrados cronologicamente. Sem personagens, não há narrativa biográfica jornalística.

O enredo narrativo biográfico jornalístico se concentra em um determinado personagem. Toda narrativa gira em torno desse personagem central. Narram-se episódios em que há protagonismo ou circunstâncias que tenham influenciado diretamente a vida deste.

Apesar de o livro-reportagem ser um gênero importado, com estilo e estrutura composicional oriundos dos Estados Unidos, observa-se uma adaptação temática no contexto brasileiro. Os autores brasileiros tendem a se dedicar a temas relacionados ao Brasil. No caso dos livros-reportagens biográficos, eles abordam personagens nacionais ou aqueles que possuem alguma ligação com o país, como é o caso de Olga, cuja vida se desenrola em grande parte no Brasil (CATALÃO JÚNIOR, 2010)

A escolha do personagem para o livro, geralmente parte da curiosidade e indagações do jornalista. Segundo Catalão Júnior (2010), a pauta é definida em razão do interesse pessoal do repórter em contar uma determinada história. De modo geral, escolhe-se pessoas contemporâneas que são interessantes e ricas quanto ao conteúdo.

Busca-se histórias de vida insólitas que atraiam o leitor e que contribuam para o sucesso editorial. “[...] é preciso ‘pautar’ um assunto que atraia o interesse do público, mas não só isso: é necessário compor textos acessíveis, facilmente inteligíveis e potencialmente atraentes para o maior número de leitores possível”. (CATALÃO JÚNIOR, 2010, p.129)

A linguagem do livro-reportagem é caracterizada pela simplicidade, acessibilidade, clareza e direção, pois seu público é diversificado e disperso geograficamente. É valorizada uma narrativa livre e criativa, com orações coordenadas curtas e na voz ativa, seguindo a ordem direta. Evitam-se adjetivos, jargões e termos técnicos complexos, visando atingir leitores com diferentes formações e níveis de instrução (CATALÃO JÚNIOR, 2010, p. 207)

Além disso, a fim de tornar a narrativa mais simples, valoriza-se uma linguagem contemporânea. Isso pode incluir termos coloquiais, vícios de linguagem e gírias da época e lugar em que o livro foi escrito. Em detrimento às palavras obsoletas, arcaicas ou que caíram em desuso.

O típico livro-reportagem biográfico é didático. Ao empregar estrangeirismos, jargões e termos técnicos, o jornalista logo adiante, apresenta o significado da palavra. Segundo Catalão Júnior (2010), o didatismo torna o enunciado mais acessível, consequentemente aumenta as chances da obra obter sucesso comercial e do autor ser remunerado pelo seu trabalho.

2.1 NARRADOR

O narrador típico do livro-reportagem é onisciente, segundo Roland Barthes (2011) esse tipo de narrador é como uma espécie de consciência total, aparentemente impessoal, que narra a história de um ponto de vista superior, o de Deus, pois o narrador é ao mesmo tempo interior a seus personagens (pois sabe tudo o que neles se passa) e exterior (pois não se identifica mais com um que com outro).

No típico livro-reportagem publicado e consumido no Brasil, o narrador é onisciente, demonstrando conhecimento total sobre o assunto abordado e expressando certeza e convicção em suas afirmações. Não é comum encontrar dúvidas, indefinições ou inquietações por parte do autor em relação aos acontecimentos narrados, às teses defendidas ou às informações que as sustentam, nem quanto ao processo pelo qual foram obtidas (CATALÃO JÚNIOR, 2010, p. 140).

O narrador de um livro-reportagem demonstra possuir um conhecimento ilimitado sobre o mundo interior dos personagens, compreendendo seus pensamentos, sentimentos e emoções. Além disso, ele domina o tempo e o espaço, tendo acesso tanto ao passado quanto ao futuro, e pode transitar por diferentes lugares e épocas em poucas linhas (PEREIRA, 2007, p. 77).

Cabe ao autor a escolha dos episódios a serem narrados, o que lhe permite valorizar certos momentos, aspectos e circunstâncias da vida do personagem, enquanto descarta outros durante o processo de apuração. Essa seleção pode ser feita com base no interesse narrativo, na relevância para a história ou na certeza em relação à veracidade dos fatos.

2.2 SEQUÊNCIA NARRATIVA

No típico livro-reportagem, os fatos são narrados cronologicamente, conforme a ordem em que supostamente ocorreram na realidade. De acordo como Catalão Júnior (2010), "quase todos os enunciados que o integram são relatos em que prevalece a narração linear de uma sucessão de eventos, articulados conforme a suposta ordem cronológica de suas ocorrências".

Para o sociólogo francês, Pierre Bourdieu (2006), narrar os eventos de uma vida na ordem cronológica é uma "ilusão biográfica". Ele questiona a ideia de tratar a vida como uma história coerente, com significado e direção, sugerindo que isso pode ser uma ilusão retórica reforçada por uma tradição literária.

Em consonância com o pensamento de Bourdieu, o escritor e jornalista Felipe Pena (2006), questiona a ideia de criar uma narrativa com coerência e estabilidade em meio a uma realidade múltipla e desconexa. Ele propõe a teoria da "biografia sem-fim", onde cada capítulo do livro-reportagem é composto por pequenas histórias independentes, sem uma ordem cronológica definida. O leitor pode começar o texto de qualquer página, e cada "história fractal" é acompanhada de notas de rodapé com a referência da fonte, sem necessidade de verificar sua veracidade. Pena sugere que o autor divida o trabalho com o leitor, tornando-o coautor, e propõe a interatividade através de um site onde os leitores possam contribuir com suas próprias histórias sobre o personagem.

Para atender a um público massivo, heterogêneo e disperso, o livro-reportagem requer uma narrativa ágil e simplificada. Organizar os eventos cronologicamente e estruturar a narrativa de forma a estabelecer relações lógicas facilita a compreensão do leitor, conforme aponta Catalão Júnior (2010). No entanto, criar um conjunto de relatos sem uma ordem definida pode prejudicar a contiguidade narrativa e confundir o leitor. Além disso, a falta de apuração e verificação da veracidade das informações pode gerar incertezas e dúvidas, comprometendo o objetivo principal do livro-reportagem, que é informar, explicar e orientar, como argumentado por Lima (2004).

A narrativa biográfica geralmente segue a progressão da vida humana, desde o nascimento até a morte, organizando os eventos de acordo com a evolução temporal. Esse procedimento não apenas corresponde à maneira convencional de contar uma

história, mas também facilita a compreensão e familiarização do leitor com a trama, conforme aponta Catalão Júnior (2010).

No entanto, o autor pode optar por fugir dessa sequência quando necessário, sem comprometer a lógica dos eventos. Muitas vezes, as reportagens biográficas começam com um evento marcante na vida do personagem, com o objetivo de prender a atenção do leitor desde o início. Recursos literários como o flashforward e o flashback são comumente empregados nos livros-reportagens para estabelecer relações entre passado, presente e futuro, permitindo rupturas temporais, antecipações e retrospectivas na narrativa.

3.0 LIVRO-REPORTAGEM-BIOGRAFIA

Visando melhor exemplificar as características inerentes à narrativa das biografias jornalísticas, nesse capítulo adotaremos como referência a obra Olga (2008), do jornalista Fernando Morais. O objetivo é ressaltar algumas técnicas da literatura adotadas no jornalismo literário já apresentadas no corpus deste trabalho, como a narração cena a cena, registro de diálogos completos, mudança de ponto de vista e o registro de símbolos do cotidiano como a descrição de cenários, ambientes e épocas.

Em sentido amplo, a biografia é um tipo textual literário de não ficção, de função referencial, que narra a história de um personagem. São narradas em terceira pessoa, de forma linear e cronológica, destacando os episódios determinantes na vida do personagem. Essas biografias escritas por jornalistas abordam indivíduos excepcionais, cujas trajetórias fogem do comum e ganharam notoriedade na sociedade, seja por suas realizações ou suas ações, positivas ou negativas.

É comum que a narrativa de uma biografia comece com um evento marcante ou uma situação crucial na vida do biografado. Como observado por Catalão Júnior (2010, p. 219), o relato frequentemente inicia com uma cena emblemática, seguida por uma retrospectiva aos primeiros anos de vida ou antecedentes familiares do biografado, antes de progredir linearmente ao longo da narrativa. Esse primeiro momento é essencial para capturar a atenção do leitor e garantir seu envolvimento com o livro. A partir daí, a narrativa segue uma sequência cronológica, desde o início até o desfecho da trajetória do biografado.

O livro-reportagem Olga, por exemplo, inicia-se com uma cena de ação. Fernando Morais narra o episódio em que Olga invade a prisão de Moabit (Berlim, Alemanha) para libertar seu namorado Otto Braun.

Na outra ponta do salão, bem em frente à mesa de Schmidt, um pequeno auditório destinado ao público e aos advogados, e isolado por um balaústre de madeira, estava ocupado por meia dúzia de adolescentes, moças e rapazes. "Pensei que fossem estudantes de direito", diria o guarda mais tarde. Blemke estufou o peito diante da autoridade e anunciou:

- Apresentando o preso Otto Braun.

Nesse instante ele sentiu algo duro encostado em sua nuca. Virou a cabeça e viu uma pistola negra apontada contra seu rosto por uma linda moça de cabelos escuros e olhos azuis, que exigiu com voz firme:

- Solte o preso! (MORAIS, 2008, p.17).

Observa-se nesse capítulo o uso do flashforward, isto é, uma antecipação do futuro, no trecho: "Pensei que fossem estudantes de direito", diria o guarda mais tarde" (MORAIS, 2008, p.17). Além disso, nota-se a explícita subjetividade do autor, ao usar o adjetivo "linda", em: "Virou a cabeça e viu uma pistola negra apontada contra seu rosto por uma linda moça de cabelos escuros e olhos azuis, que exigiu com voz firme". (MORAIS, 2008, p.17).

Entretanto, convém lembrar, que os autores evitam usar adjetivos e termos abstratos em biografias. Não porque seja subjetivo, afinal a subjetividade do autor no jornalismo literário é válida, mas pelo fato de serem pouco precisos e exatos, sendo necessário, portanto, necessitando de complementos para esclarecer seu significado. Morais complementa ao descrever o que é "linda" para ele, "moça de cabelos escuros e olhos azuis".

Mais adiante na narrativa de Olga, através do flashback, Moraes recua no tempo, retorna cinco anos no passado e passa a narrar a adesão de Olga à Juventude Comunista. "Olga notou que, por curiosa coincidência, exatamente cinco anos antes ela entrara pela primeira vez em uma organização comunista". (MORAIS, 2008, p. 29). A partir desse recuo, a narrativa segue cronologicamente, alcança novamente 11 de abril de 1928, quando Olga invade a prisão de Moabit, e segue cronologicamente até o fim da trajetória de vida de Olga.

Outro recurso literário usado por Moraes é a mudança do ponto de vista. O autor apresenta diferentes facetas de uma mesma cena ao leitor, através da ótica de diferentes personagens. O episódio da prisão dos líderes comunistas, Arthur e Sabo, é narrada primeiramente pelo olhar do médico Pedro Nava e logo após pelo olhar de Olga.

Cena narrada pela ótica do médico Pedro Nava:

No dia 26 de dezembro o jovem médico Pedro Nava está passando de ambulância pela rua Prudente de Moraes, em Ipanema, a caminho do trabalho, e chama a atenção do motorista para a beleza de uma moça de aparência estrangeira que caminha pela calçada. Quando a moça chega à esquina da rua Paul Redfern, Nava se surpreende com a reação dela, que dá meia-volta e retoma correndo, como se fugisse de alguém. O médico espicha o pescoço para tentar identificar o que tanto aterrorizou a jovem e vê, a meia quadra dali, dezenas de policiais à paisana, jogando dentro de um camburão um casal também com jeito de estrangeiro. A moça era Olga Benário, e a polícia de Filinto Muller chegara à casa de Sabo e Arthur Ewert. (MORAIS, 2008, p. 115).

Mesma cena, porém, narrada pela perspectiva de Olga:

Na manhã do dia 26 de dezembro ela levava alguns apontamentos escritos pelo marido sobre a situação do partido para que Ewert os visse, quando, ao chegar na esquina da Paul Redfern, apavorou-se com a confusão na porta da casa dos amigos. Olga ainda pôde ver Arthur Ewert ser atirado a pontapés dentro de um camburão e vários homens entrando atrás dele. Sabo era arrastada à força e levada para outro veículo. Brandindo ameaçadoramente metralhadoras e fuzis, os policiais afastavam os curiosos que se aglomeravam à porta da casa. Olga temeu que, se corresse demais, poderia chamar a atenção de alguém, mas um segundo de demora poderia ser fatal: se a polícia já tivesse conseguido o endereço deles, em instantes a casa da Bardo da Torre também estaria sendo invadida. (MORAIS, 2008, p. 116).

O típico narrador do livro-reportagem é onisciente, sabe tudo que se passa nos personagens, conhece pensamentos, sentimentos e emoções: “Ao se despedirem Olga percebe em si, pela primeira vez, o sentimento que tanto condenava no companheiro: ciúme”. (MORAIS, 2008, p. 56)

Outro recurso literário adotado na narrativa de Olga é a descrição de símbolos do cotidiano. Essa técnica serve para que o leitor possa compreender melhor a situação social e econômica do personagem. Segundo Lima (1993), o objetivo é fazer o leitor captar uma impressão mais densa e completa da realidade que o relato reproduz.

Três passos dados com suas longas pernas eram suficientes para trombar com as paredes. Como mobília, duas camas, uma mesinha de canto, uma cadeira e uma cômoda com gavetas, que fazia as vezes de guarda-roupa. Nos vãos entre um e outro móvel, tábuas apoiadas em tijolos vergavam sob tantos livros, papéis e documentos. Por algum tempo, esta seria a casa de Olga e Otto. (MORAIS, 2008, p. 34).

Considerando que o livro-reportagem trata de um personagem olímpico ou pessoa que por razões, não necessariamente positivas, alcançou notoriedade, constata-se a tentativa de humanizar a todo momento esse personagem. O objetivo é revelar o lado humano, apresentar alguém comum, com falhas, sentimentos, emoções, defeitos

e qualidades. Isso fica claro na parte em que Olga demonstra o amor e proteção de mãe, em um episódio tenso e comovente.

Correu para um canto da cela, comprimindo a criança contra a parede. Assustada, Anita começou a chorar alto. Tomada de desespero, Olga gritava: – Jamais! Vocês não podem fazer isso! O que vocês querem fazer é um crime inominável! Saiam já daqui! Só se me matarem levarão minha filha! (MORAIS, 2008, p. 250).

Ao humanizar o personagem, a realidade se projeta aos outros. O público se sente representado, se identifica com a história de vida e se sente mais próximo e mais íntimo do personagem. O processo de humanização faz o leitor se enxergar no outro, se sentir parte do espetáculo.

4.0 LIVRO-REPORTAGEM-PERFIL

No decorrer deste capítulo adotaremos a obra Frank Sinatra Está Resfriado, do jornalista Gay Talese. O texto é um clássico do jornalismo literário, e devido a estrutura composicional, o usaremos como referência para melhor exemplificar as características e peculiaridades inerentes à narrativa do perfil jornalístico.

O perfil jornalístico é um gênero textual biográfico literário que retrata uma história de vida de uma única pessoa viva, em uma determinada época. “Gênero nobre do jornalismo literário, o perfil é um tipo de texto biográfico sobre uma — uma única — pessoa viva, famosa ou não. Texto biográfico não significa exatamente biografia, que é outro gênero”. (VILAS-BOAS, 2014, p. 271)

Assim como na biografia, valoriza-se no perfil o protagonismo do personagem. Além disso, confere-se no gênero o empenho do autor em humanizar o personagem.

Sinatra de press-release’, concebido para ‘distingui-lo do comum dos mortais, separado da realidade: de repente ele se tornou Sinatra, o magnata eletrizante, Sinatra que é supranormal, não sobre-humano, mas supranormal. E aí é que está’, continua Frank, Jr., ‘a grande falácia, a grande mentira, porque Frank Sinatra é normal, é um sujeito com quem você pode topar numa esquina. (TALESE, 2004, p. 286)

Neste trecho de Frank Sinatra Está Resfriado, a tentativa de humanizar fica evidente, o enunciado o apresenta como um sujeito comum, isto é, com falhas, sentimentos, emoções, defeitos e qualidades.

4.1 PERFIL E BIOGRAFIA

Ambos os gêneros biográficos são parecidos, visto que narram histórias de vida e toda narrativa gira em torno de um único personagem central. Entretanto, os gêneros se diferem em alguns aspectos. O perfil, diferentemente da biografia, não tem por objetivo narrar toda a trajetória de vida do personagem, é um recorte temporal. O tipo textual pode focar em apenas momentos e estágios da vida humana. É como uma fotografia de um personagem em um dado momento, porém, além de retratar os aspectos físicos, apresenta também, o modo de viver e pensar.

Diferentemente das biografias em livro, com que os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. (VILAS BOAS, 2003, p. 13)

Além disso, o perfil está ligado ao presente, ao agora, isso em parte, devido seu objeto de estudo, uma pessoa viva. “Diferentemente das biografias de mortos, nas quais os autores têm de enfrentar os pormenores da história do personagem — às vezes tendo de contemplar até as suas ancestralidades e ocorrências póstumas —, o autor do perfil de um indivíduo vivo se concentra apenas em alguns aspectos.” (VILAS-BOAS, 2014, p. 171-172)

Devido representar o personagem em um determinado momento, o perfil pode, portanto, perder a validade mais rapidamente, uma vez que as pessoas podem mudar o modo de viver e pensar no futuro, “[...] os perfis têm grande relevância como gênero jornalístico, mesmo que meses ou anos depois da publicação do texto o personagem tenha mudado suas opiniões, conceitos, atitudes ou estilos. (VILAS BOAS, 2003, p.21-22).

Apesar de ser predominante narrativo, observa-se que o gênero perfil, com mais frequência que a biografia, faz o uso da descrição. É recorrente a descrição de espaços físicos, épocas, feições, comportamentos, intimidades etc. Isso ajuda a traçar melhor a imagem do personagem. Quanto ao tempo verbal, é típico das biografias e perfis serem narrados no passado, entretanto, observa-se nos perfis uma tentativa de “presentificar” a narrativa. No perfil Frank Sinatra Está Resfriado, de Gay Talese, é recorrente o uso de gerúndios.

Logo nas primeiras linhas: “Frank Sinatra, segurando um copo de bourbon numa mão e um cigarro na outra, estava num canto escuro do balcão entre duas loiras atraentes, mas já um tanto passadas, que esperavam ouvir alguma palavra dele” (TALESE, 2004, p. 257, grifo nosso). O próprio título do perfil “Frank Sinatra está

resfriado” exprime a noção de presente. Segundo Vilas-Boas (2014), há na narrativa do perfil, um equilíbrio entre o passado e o presente.

Nota-se também a explícita e recorrente subjetividade no perfil. Uso do adjetivo “atraente”, evidencia, logo nas primeiras linhas, uma visão subjetiva do autor. Pois afinal, considerando a época que o perfil foi escrito, o que seria “loiras atraentes” para Gay Talese? O leitor não possui tal resposta e, portanto, ao ler tal mensagem, a interpreta considerando a própria subjetividade.

A noção de subjetividade no gênero perfil é mais evidente, pois é como “eu” autor enxergo o outro. Diferentemente do gênero biografia, o perfil ao mesmo tempo que fala do outro diz muito do autor. O gênero é, portanto, biográfico e autobiográfico ao mesmo tempo.

O jornalista é tradutor do outro, narra sob a própria ótica, o que enxerga e sente. “Enquanto eu olhava todo aquele ritual, tinha a impressão de que Frank Sinatra habitava simultaneamente dois mundos que não pertencem ao mesmo tempo.” (TALESE, 2004, p. 264, grifos meus), nesse trecho o autor apresenta suas impressões, baseada nos próprios sentidos. Além disso, nota-se mudança de foco narrativo para a primeira pessoa, o narrador participa do relato, algo em que não se observa na biografia Olga, onde o autor narra em terceira pessoa a partir da observação, mas não participa da história

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo, motivado em analisar o estilo narrativo jornalístico, buscou compreender as formas de construção de sentido na narrativa biográfica jornalística. A metodologia empregada foi eficiente e permitiu a compreensão e identificação das particularidades, aspectos e elementos estruturais na composição textual do discurso biográfico jornalístico.

A pesquisa revelou que os livros-reportagem biográficos apresentam um narrador onisciente, que demonstra conhecimento completo sobre o assunto abordado, incluindo os pensamentos e emoções dos personagens. Essas narrativas exploram a vida de pessoas contemporâneas notáveis, destacando suas interações com o mundo e organizando os eventos de forma cronológica. O estilo de escrita é híbrido, combinando elementos do jornalismo e da literatura, com recursos como a narração

cena a cena, o registro completo de diálogos, apresentação de diferentes pontos vista, flashback, flashforward e registro símbolos do cotidiano.

Os textos são ágeis, simplificados, predominantemente composta por orações coordenadas, curtas, enxutas, na voz ativa, organizadas na ordem direta e evitam termos técnicos, visando alcançar um público amplo. Os jornalistas têm influenciado a forma como as biografias são escritas, levantando discussões entre profissionais de diferentes áreas.

A partir do estudo, observou-se que o típico narrador dos livros-reportagem biográficos é onisciente, demonstra conhecer tudo sobre o assunto que aborda. Exprime certeza e convicção no que diz, não possui dúvidas, ou incertezas. Aparenta possuir conhecimento ilimitado sobre o que ocorre no íntimo dos personagens, sabe os pensamentos, sentimentos e emoções.

Compreendeu-se que a narrativa biográfica jornalística trata de pessoas contemporâneas que ganharam notoriedade, cujas trajetórias de vida são excepcionais, insólitas ou fogem do comum. A narrativa biográfica busca expor a relação entre esse personagem e mundo. Essa interação, muitas vezes conflituosa, resulta em fatos, que organizados, são narrados conforme a ordem cronológica de suas ocorrências.

Nas reportagens biográficas jornalísticas são narradas em terceira pessoa, de maneira linear, na ordem cronológica em que os eventos supostamente ocorreram na realidade, com ênfase nos episódios determinantes na vida do personagem ou que há protagonismo. Essa sequência narrativa contribui para a formação de uma relação de contiguidade entre personagens e fatos, ação e reação. Isso de certo modo, facilita a leitura do leitor.

Constatou-se que a narrativa biográfica jornalística é híbrida. O gênero é resultado da convergência de diferentes áreas do conhecimento, como jornalismo e literatura. Alguns recursos literários adotados por jornalistas no discurso biográfico são a narração cena a cena, o registro completo de diálogos, apresentação de diferentes pontos vista, flashback, flashforward e registro símbolos do cotidiano, como espaços, hábitos, época, traços físicos e gestos do personagem.

Outrossim, verificou-se que a narrativa biográfica jornalística é ágil, simplificada, predominantemente composta por orações coordenadas, curtas, enxutas, na voz ativa, organizadas na ordem direta. Os jornalistas evitam o emprego de estrangeirismo, adjetivos, jargões, termos técnicos, eruditos que possam requerer um

alto nível de instrução do leitor. Isso contribui para o alcance de leitores de diferentes formações e graus de instrução.

Nesse sentido, constatou-se que os jornalistas vêm transformando a forma de se escrever biografias. Ao elaborarem textos biográficos simples e acessíveis, têm-se levantado discussões e questionamentos de profissionais de outras áreas, como os historiadores, que passaram a se preocupar em tornar a narrativa deles mais acessível ao leitor médio.

Quanto ao objetivo da narrativa biográfica jornalística, além das funções primárias como informar, explicar e orientar, constatou-se a intenção do autor de humanizar o personagem. Além disso, entende-se a narrativa biográfica como um importante meio de registrar modos, costumes e comportamentos de personagens em determinadas épocas.

Essa pesquisa se restringiu em identificar as características inerentes à narrativa biográfica, tendo como referência os tipos textuais, perfil e biografia. Se centralizou em analisar os aspectos estruturais e composicionais do discurso biográfico. A carência na produção científica brasileira, quanto a teorização da narrativa biográfica jornalística, apresenta-se como principal obstáculo para a exploração do tema. São poucos os estudiosos que se dedicam à temática. A deficiência é maior principalmente quanto a estudos sobre o perfil jornalístico.

Os resultados obtidos dialogam diretamente com o arcabouço teórico mobilizado nesta pesquisa. A presença do narrador onisciente, identificado tanto em Olga quanto em Frank Sinatra Está Resfriado, confirma a caracterização proposta por Barthes (2011) e por Catalão Júnior (2010) para o gênero. Quanto à sequência narrativa, verificou-se a predominância da organização cronológica linear apontada por Catalão Júnior (2010), ainda que se reconheça, à luz de Bourdieu (2006) e Pena (2006), a natureza construída e, por isso, potencialmente ilusória dessa ordenação, sobretudo pelo uso recorrente do flashback e do flashforward observado nas duas obras analisadas. Os recursos literários identificados nos dois corpora, narração cena a cena, registro de diálogos e mudança de ponto de vista, corroboram os apontamentos de Wolfe (2005) e Lima (1993) sobre a apropriação de técnicas do realismo literário pelo jornalismo. Por fim, as diferenças observadas entre perfil e biografia quanto ao recorte temporal, ao grau de subjetividade e à presença do narrador em primeira pessoa confirmam empiricamente a distinção teórica proposta por Vilas-Boas (2003; 2014),

reforçando que, apesar de gêneros próximos, perfil e biografia respondem a lógicas composicionais distintas.

Considero de extrema importância, a necessidade de mais produções científicas detalhadas e aprofundadas sobre a temática. Estudos que se dediquem não apenas à biografia e o perfil, mas também a outros gêneros biográficos jornalísticos, como o obituário. Pesquisas voltadas a analisar com profundidade a estética, a sequência narrativa e o histórico da narrativa biográfica, a fim de melhor identificar e classificar as peculiaridades dos gêneros biográficos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 300 p. Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOURDIEU, Pierre et al. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BRAZ, Michelle Moreira; SARDINHA, Antonio Carlos. CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO PERFIL COMO GÊNERO EM 'SINATRA ESTÁ RESFRIADO'. In: 1 SEMINÁRIO, 1., 2018, Macapá. **Letras Escreve**. Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2018. v. 8, p. 61-90. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3369>. Acesso em: 25 ago. 2021.

CATALÃO JÚNIOR, Antonio Heriberto. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. 2010. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2010. Cap. 6.

Em livros de sucesso, historiadores e jornalistas travam guerra sobre o país. **Correio Braziliense**, Brasília, 28 out. 2010. Diversão e Arte. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/10/28/interna_diversao_arte,220285/em-livros-de-sucesso-historiadores-e-jornalistas-travam-guerra-sobre-o-pais.shtml. Acesso em: 8 out. 2021

JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PEREIRA, Lindjane dos Santos. **A biografia no âmbito do jornalismo literário:** análise comparativa das biografias Olga, de Fernando Moraes e Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30, de José Joffily. 2007. 97 f. Monografia (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
Tradução: Luciano Vieira Machado.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Perfis:** o mundo dos outros/ 22 personagens e 1 ensaio. 3. ed. São Paulo: Manole, 2014.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Submetido: 18/12/2024

Aceito: 16/07/2026